

## CHIFRE DE CABRA

JOÃO GAMELEIRA foi meu pajem, numa triste viagem que fiz entre a Serra Azul e a do Estêvão, durante uma das piores secas que têm assolado o sertão. Era um caboclo alto e claro, musculoso e calmo, cheio de rude ironia para tudo. Nunca o interior cearense produziu tipo mais inteligente e interessante. Paradoxal no seu modo de falar, tinha respostas incisivas, repentinas, em todas as ocasiões. Entendia de todos os misteres daquela região ardente e áspera: castrava e ferrava o gado, sabia mezinhas<sup>10</sup> para os cavalos doentes, benzia “espinhelas caídas”, tirava novenas, cantava desafios na toada “ligeira” e na “naturá”, conhecia todos os caminhos e toda a gente que por eles trafegava, e, apesar de analfabeto, costumava dizer que, sendo preciso, até dizia missa. Às vezes, porém, no meio da sua constante alacridade, um desânimo o tolhia e ele, abalando a cabeça, exclamava:

— Eu sou chave que abre muita porta e só não abre a que devia me servir “mode” passar... “Mas porém”, se não abrir a do céu, ao menos há de abrir a do inferno...

Depois, encolhia os ombros e sacudia fora de si os maus pensamentos. De novo, nos seus lábios carnosos, sob o bigode ralo, floriam sorrisos. E era um gosto ter a companhia do João Gameleira, viajando.

Na travessia das ribeiras calcinadas, nesse ano, passamos dias horríveis, sem água para beber, muitas vezes encontrando cadáveres esqueléticos, que os urubus bicavam e vendo nossas cavalgadas deperecerem à míngua de alimento. Um dia, no meio de certa várzea estorricada, onde não havia no solo nu uma folha seca e as árvores despidas e negras como que se retorciam de dor, ele, relanceando o olhar pela desolação que nos rodeava, largou esta frase profundamente significativa da miséria que presenciávamos:

---

<sup>10</sup> Palavra que, mesmo nos sertões nordestinos, cai progressivamente em desuso. Sinônimo de qualquer remédio. Corruptela do latino *medicina*.

— Qual, “seu” doutor, aqui não tem mais nada com que se entupa um chocalho!

Mais adiante, a copa verde-cinza dum juazeiro heróico alegrou a catinga morta e, junto a ele, uma carnaubeira linheira e alta, a única que por ali havia, dava ao vento sutil da tarde a harpa eólia das palmas. E florescia naquele deserto, desafiando os horrores da seca!

O Gameleira olhou, demoradamente, a palmeira florida e disse:

— “Qual, “seu” doutor, cada vez a seca vai ser pior!

— Por que, homem de Deus? indaguei.

— Porque carnaubeira quando flora é sinal de seca demorada.

— E quando não flora?

— Qual, “seu” doutor, quando não flora é muito “mais pior”!

Baixei a cabeça, pensativo. Terra infeliz em que a graça natural do rude sertanejo é a zombaria contra a inclemência da natureza com que luta! Naquele agreste sertão, muitas vezes, quando não há seca, desabam sobre gados e gentes flagelos “mais piores”: pestes, epizootias, invernos tão abundantes e prejudiciais que se chamam “secas de água”.

Depois que me acolhi à serra do Estêvão, dispensei o pajem. Ele voltou para a fazendola onde morava, à margem do Banabuiú. Passei mais de um ano sem vê-lo até que o encontrei na feira do Quixadá, vendendo um cavalo fouveiro, “bom de carga e de sela como ninguém”.

Estendeu-me, satisfeito, a mão calosa. Apertei-a com prazer e perguntei-lhe como ia. Respondeu-me como verdadeiro filósofo da desgraça:

— Qual, “seu” doutor, vou ruim como capim!

Obedecendo a natural curiosidade, quis saber o que significava essa maneira de exprimir-se. Ele sorriu e disse:

— Qual, “seu” doutor, o destino do capim é o pior do mundo. Se não chove, morre seco, estorricado. Se chove e cresce, vem o boi e come-o. Para todos os lados que olho, só vejo desgraça. Por isso, vou ruim como capim.

Sorri. Ele não sorriu mais. Conservava mais tempo no rosto aquela fugaz impressão de desânimo diante dos mistérios da vida, que observara na nossa viagem. Só desfranziu os lábios, quando dele me despedi.

No ano seguinte, contaram-me na venda do Xico Dunga, na cidade de Quixeramobim, um fato horrível, acontecido para os lados de Banabuiú. Pequeno criador dali, desconfiando do procedimento da mulher, durante suas freqüentes e prolongadas ausências como pajem, arrieiro, comboieiro, passador de gado, ou vendedor de cavalos, fingiu ir para um desses misteres e ocultou-se num pedregal,

perto de casa. À noite, quando a lua nasceu, viu chegar a cavalo, no terreiro, o filho de importante fazendeiro da vizinhança. O rapaz apeou-se e entrou na sua morada. Deixou passar algum tempo e aproximou-se. Os cães logo o conheceram e não latiram. Encostou-se à parede de taipa e viu a esposa entregar-se ao outro.

Penetrou, como uma fera, no lar desonrado. Passando pela porta da cozinha, que ficara aberta, apanhou o machado de rachar lenha. Dentro da camarinha, desferiu centenas de golpes sobre os dois amantes reunidos na mesma rede!

Quem me narrou o caso não me deu os nomes das vítimas, nem do assassino, mas acrescentou que viera humildemente entregar-se à prisão e que o subdelegado local achara dentro da rede verdadeiro angu de carnes e ossos, não se podendo reconhecer feições, nem mesmo membros, dos dois cadáveres horrivelmente confundidos. E concluiu:

— Veja o senhor! Andam aí pelas ruas, soltinhos da silva, os piores cangaceiros e ladrões do mundo, apadrinhados pelos chefes políticos. Entretanto, esse pobre homem, que, num momento de aguda raiva, castiga o adultério da mulher, apanhada em “sufragante” delito com o seu sedutor, foi condenado pelo júri a trinta anos de prisão.

— Justiça do Ceará te persiga! foi praga de nossos avós, rematei, acendendo o cachimbo de raiz atufado de bom fumo da terra.

À primeira vez que fui à cadeia de Quixeramobim encomendar aos presos um par de botas de couro cru, vi o João Gameleira metido num cubículo infecto. Falou comigo através das grades. Sua mão tremia na minha e vi que tinha os pés muito inchados. Como lhe perguntasse por que motivo ali se achava, contou-me, calmamente, o crime que me tinham relatado na venda do Dunga. Na sua face, pesava uma tristeza calma, definitiva. Todo ele, olhar, voz, gestos, era uma resignação profunda, um fatalismo imenso. Dir-se-ia um árabe. Sorriu, ligeiramente, ao dizer-me:

— Qual, “seu” doutor, fui chave para muita porta e só abri para mim as grades da cadeia e do inferno! . . .

Meus olhos pousaram nele com piedade e quis dizer-lhe uma palavra consoladora. Não mo consentiu. Interrompeu-me:

— Qua!, “seu” doutor, não diga nada! Eu sou como chifre de cabra. . .

Antes que o interrogasse, continuou:

— “Inhor” sim. Com chifre de boi se faz tudo — botão, copo de dados, bengala, cabo de faca; com chifre de carneiro se faz cornimboque, para guardar rapé, ou tabaco de caco. Chifre de cabra não tem serventia nenhuma, nem para cornimboque. . . Qual, “seu” doutor, eu fui na vida “que nem” chifre de cabra! . . .